

VISÃO DO CORREIO

As guerras e a paciência estratégica de Pequim

A retomada do confronto entre EUA e Irã, culminando no bloqueio parcial do Estreito de Ormuz, tem um vencedor que não está em campo: a China. Enquanto Washington e Teerã trocam pressão militar e ameaças econômicas, Pequim observa em silêncio e avança. O cenário escancara uma inversão tectônica de forças na geopolítica contemporânea. Sem disparar um único projétil, consolida-se um polo de sobriedade da mesa internacional, atraindo para sua órbita estratégica atores regionais exaustos de instabilidade e fartos dos custos colaterais da hegemonia estadunidense.

Essa mudança de eixo não decorre de golpe de sorte, mas de uma assimetria gritante de métodos e de visão de longo prazo. Nos últimos 25 anos, Washington envolveu-se em quatro conflitos custosos no Oriente Médio e arredores — Iraque, Afeganistão, Síria e Irã —, dilapidando capital político, credibilidade institucional e recursos bilionários em intervenções mal planejadas. Em contrapartida, a diplomacia chinesa jogou parada, apostando na previsibilidade econômica, em acordos de infraestrutura e na neutralidade comercial. Esse pragmatismo tem atraído gradualmente nações que antes orbitavam estritamente a esfera ocidental, mas que agora buscam segurança jurídica e parceiros comerciais previsíveis.

O impacto prático dessa paciência reflete-se tanto na blindagem da economia chinesa quanto na percepção que economias em desenvolvimento constroem sobre Pequim. Antecipando-se às crises geopolíticas que hoje inflamam os preços dos combustíveis, a China acumulou estoques recordes de petróleo e diversificou suas fontes de suprimento. Enquanto o Ocidente recorre a sanções e discursos inflamados, países que dependem de energia importada passam a enxergar em Pequim um ponto de ancoragem real, não por afinidade ideológica, mas por necessidade prática.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Inocência assassinada

No último sábado, assisti ao filme *A voz de Hind Rajab*, vencedor do Prêmio Especial do Juri no Festival de Veneza. É, literalmente, um soco no estômago. Com 90 minutos de duração, a obra gira em torno do diálogo de voluntárias da Sociedade do Crescente Vermelho Palestino com uma garotinha de 6 anos, presa dentro de um carro destruído por um tanque israelense no norte da Faixa de Gaza. Hind Rajab clamou por socorro várias vezes, implorou que a tirassem dali, enquanto passava horas ao lado dos corpos dos tios e dos primos. Quando uma ambulância conseguiu se aproximar da menina, foi alvejada pelo Exército de Israel, causando a morte dos dois socorristas.

O que torna a história mais assustadora é o caráter documental do filme. Hind Rajab morreu em 29 de janeiro de 2024. Sua voz aparece em vários momentos nas gravações originais usadas pela diretora tunisiana Kaouthar Ben Hania. É possível sentir o medo, o desespero de uma criança encurralada por tanques. Tantas Hinds morreram durante a guerra na Faixa de Gaza e ao longo de quase oito décadas de conflito no Oriente Médio.

Crianças palestinas que tiveram a vida ceifada de forma covarde, em nome de um ódio que não lhes pertence. Também condeno com veemência o cruel e dantesco massacre de 7 de outubro de 2023, quando bebês e crianças israelenses foram assassinados por terroristas do Hamas. Mais uma vez, o ódio não lhes pertence. O coração de uma criança é livre de maldade e repleto de pureza.

O ápice dessa transição manifesta-se no campo monetário. A decisão de Teerã de permitir que navios petroleiros transitem pelo Estreito de Ormuz apenas sob a condição de que as cargas sejam liquidadas em yuan desferiu o golpe mais ousado contra a hegemonia do dólar desde a criação do petrodólar.

O mapa dessa reconfiguração tem contornos visíveis. A Arábia Saudita aprofunda acordos energéticos com Pequim e discute precificar parte do petróleo em yuan. Os Emirados Árabes Unidos expandem sua parceria tecnológica com empresas chinesas mesmo sob pressão americana. O Paquistão, o Cazaquistão e boa parte da Ásia Central consolidam sua integração à Nova Rota da Seda, o megaprojeto chinês de infraestrutura que conecta continentes por portos, ferrovias e rodovias financiados por Pequim. Na África, países como Etiópia e Quênia elegem a China como principal parceira de infraestrutura, preterindo o Banco Mundial e o FMI.

Nenhum desses movimentos é uma declaração de guerra ao Ocidente. São sinais pragmáticos de que o mundo está se reorganizando em torno de quem oferece estabilidade, não de quem exporta turbulência.

Diante desse cenário, a China não precisa vencer nenhuma guerra para avançar: precisa apenas que Washington continue errando. Cada conflito mal resolvido no Oriente Médio, cada país aliado atacado por uma publicação mal colocada das redes sociais, cada tarifaço imposto sem estratégia clara é, silenciosamente, incorporado ao cálculo de Pequim. A transformação da China em uma megapotência, que analistas projetavam para décadas, está se comprimindo em anos — e, sem querer, Trump está sendo, involuntariamente, seu maior acelerador. Afinal, no xadrez geopolítico, quem move mais peças não é necessariamente o vencedor. Ganha quem sabe quando é a hora de não mover nenhuma.

Não consigo imaginar como a crueza da guerra molda o coração daqueles pequenos que, por sorte, sobrevivem aos seus horrores. A sede de vingança, o ressentimento e o rancor semeiam um futuro de mais violência, em um ciclo de cólera sem-fim que acaba por se retroalimentar. Passou da hora de israelenses e palestinos colocarem a própria sobrevivência acima de tudo e apostarem em um futuro de paz. É urgente que ambos deixem tanta mágoa de lado e forjem tempos em que o silêncio das armas seja imperativo.

A solução passa necessariamente pelo reconhecimento do direito de palestinos e israelenses viverem em Estados seguros, soberanos e em paz. Uma nação palestina capaz de prosperar reduziria o espaço político ocupado por organizações extremistas. É preciso que todos os grupos ideológicos da Palestina unam-se em uma só voz e aceitem a coexistência pacífica de um Estado árabe e um Estado judeu.

Desde a criação de Israel, em 14 de maio de 1948, gente demais tem morrido dos dois lados. Atentados terroristas, ataques de colonos judeus, massacres e bombardeios têm sido uma constante em um Oriente Médio que anseia e grita pela paz. É preciso que as barbáries parem de uma vez e que os autores sejam levados à Justiça e paguem pelos seus crimes.

Que um novo tempo seja forjado na terra de Moisés, Jesus, Maomé. Um tempo em que a voz de uma criança ecoe apenas com sorriso e alegria, não com dor, pavor e desesperança. Por Hind Rajab, por outras crianças mortas na Palestina e em Israel.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Chega de interferências

O **Correio** traz notícia da revista *The Economist*, em 20 de julho, sobre a fragmentação do sistema financeiro global e o desafio do Pix à supremacia financeira dos EUA. O Pix fragmenta a ordem financeira global, incomodando as empresas como Visa e Mastercard. Daí adveio retaliação de 25% de taxação sobre produtos brasileiros, disse a revista britânica. Os EUA sabem que o problema é maior, e sua simples retaliação reflete a nova realidade geopolítica. A verdade é o medo de nova Bretton Woods ao avesso. Os EUA trataram de convocar uma conferência global em Bretton Woods, durante a Segunda Guerra Mundial. Fizeram o dólar moeda internacional, criaram FMI e Banco Mundial para reconstrução das nações devastadas pela guerra. Agora, a situação mudou. Países se desenvolveram e desbancaram os EUA, seja na produção agrícola, seja na produção industrial. Brasil e China já neste grupo e nós, além do Pix, gratuito e instantâneo, ameaçamos o dólar com um sistema próprio para o Mercosul. Que venha uma nova conferência, a la Bretton Woods, e que seja no Rio ou Manaus (local com seus minerais raros, a maior cobra internacional). Na diplomacia, segue-se a máxima de que, em relações internacionais, prevalecem não os lampejos de dirigentes momentâneos e, sim, a confiança acumulada ao longo do tempo. Afinal, já se vão 82 anos daquela conferência. Chega de interferências, pois crescemos, nos desenvolvemos, produzimos e temos imensas reservas naturais, como também Rússia, Índia, China e África do Sul.

» **Paulo Roberto**
Asa Sul

Feminicídio

Capitã da Polícia Militar de Minas Gerais é levada morta ao hospital e marido é preso, como principal suspeito, após dizer que ela tinha caído da escada. Há homens que confundem hierarquia com superioridade e não aceitam ver uma mulher no comando. É doloroso perceber que, mesmo dentro das forças de segurança, que deveriam proteger, o poder é usado para nos matar.

» **Karina Secco**
Brasília

Flona do Jamanxim

Que o presidente Lula vete o projeto de lei que reduz a área protegida da Floresta Nacional (Flona) do Jamanxim, no Pará, pelo interesse público. Em vez de punir os ilegais, fazem lei para eles. O Brasil é, historicamente, uma das piores concentrações de renda do mundo, muito dessa renda é baseada em lei, feitas para benefício próprio, mesmo em inconstitucionalidade. É preciso mudar isso por meio da democracia e do voto!

» **Manoel Albuquerque**
Brasília

O gigante definiu

Acabou a Copa do Mundo 2026. Nossa eliminação nas oitavas da Copa de 2026 não surpreendeu quase ninguém. O mundo já não esperava nada do Brasil, e entregamos exatamente isso: nada. Talvez essa indiferença seja a maior prova da nossa irrelevância no futebol atual. Em 1982, uma

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O Brasil está perdendo mercado no maior mercado do planeta. Lula mira em Flávio Bolsonaro e acerta todo o povo brasileiro.

Cleverton Cavalcante — Brasília

Traia o Brasil e ganhe um green card. Promoção válida até o final do mandato de Donald Trump ou enquanto durar o estoque.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Ditadores em ação: um diz que não terá mais eleições no país, outro pede registros telefônicos de jornalistas.

Marlon Barros — Cruzeiro

Bares do DF batem recorde de faturamento no final da Copa. É o povo que paga R\$ 20 em uma cerveja e quer pagar R\$ 6 pelo aplicativo.

Rodrigo Lyra — Brasília

Sem tirar o mérito da merecida vitória da Espanha na Copa 2026, achei uma injustiça o Messi não ter sido escolhido seu melhor jogador. Foi graças a ele que a Argentina chegou à final, tendo seu desempenho superado todas expectativas para um atleta da sua idade .

Antônio Juarez M. Martins — Asa Norte

Erramos

*Diferentemente do que foi publicado na reportagem **Aventura épica espiritual**, na edição do **Correio** de 19 de julho, os livros Diário do grande sertão e Mulheres que sentem espíritos, de Bruna Lombardi, terão sessão de lançamento em 30 de agosto, às 17h, na Livraria Travessa, no Casa Park.*

derrota fez o país inteiro chorar. Voltei a sofrer em 1986, 1990, 1998 e, de forma diferente, no 7 X 1, tomado por vergonha e revolta. Hoje, porém, praticamente ninguém mais chora pela Seleção. O torcedor simplesmente deixou de se importar. E, no futebol, a indiferença é pior que a derrota. A Seleção foi sendo desmontada por dirigentes incompetentes, treinadores sem coragem, jogadores mais preocupados com a própria imagem, a corrupção na CBF e um ambiente dominado por vaidade e superficialidade. A camisa amarela perdeu seu peso. Houve um tempo em que o Brasil assustava o mundo. Até nossas derrotas eram épicas. Hoje, não. A mística acabou, o respeito desapareceu e o gigante, em vez de cair lutando, apenas definiu até se tornar comum.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Embaré (SP)

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D4

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br